

HISTÓRIAS AFRO-ARGENTINAS

ALBERTO, Paulina L. *Black Legend. The Many Lives of Raúl Grigera and the Power of Racial Storytelling in Argentina*, Cambridge (Mas.): Cambridge University Press, 2022. 410 p.

“Las Aventuras del Negro Raúl” foi o título daquela que é considerada a primeira história em quadrinhos publicada na Argentina. As aventuras, que apareceram nas páginas da revista *El Hogar* em 1916, narravam as histórias jocosas e de gosto duvidoso de uma espécie de herói ou anti-herói popular: um homem negro, vestido com colete, polaina e cartola, que perambulava pelas ruas de Buenos Aires. Em suas atribulações, esse dândi se via envolvido em toda a sorte de peripécias nas quais, frequentemente, era vítima de peças de mau-gosto que lhe pregavam os jovens arrua-ceiros filhos da classe endinheirada da cidade, os *niños bien*. Nas décadas seguintes, a figura do “Negro Raúl” aparece e reaparece como personagem da crônica *porteña*, em artigos de

jornal, e até como fonte de inspiração para a composição de alguns tangos, despontando ainda, fortuitamente, nas memórias de distintos representantes da intelectualidade argentina do século, como Adolpho Bioy Casares (1914-1999) e seu amigo Jorge Luis Borges (1899-1986).

A vida do “Negro Raúl” não se resumia, contudo, às páginas dos diários e às peças de ficção. Por trás da imagem deformada, e seguidamente transformada ao longo dos anos, da figura excêntrica e misteriosa do homem preto retinto que flanava pelas ruas da “branca” Buenos Aires da primeira metade do século XX, existia uma pessoa real: Raúl Grigera, a “lenda negra” que dá título ao livro de Paulina Alberto.

Paulina Alberto, historiadora nascida na Argentina e hoje professora de estudos africanos e afro-americanos na universidade norte-americana de Harvard, já é conhecida dos leitores brasileiros. Seu primeiro livro, fruto da sua tese de doutorado e publicado em português, é um estudo minucioso sobre como os intelectuais negros no Brasil pensaram o longo legado de desigualdades, bem como refletiram sobre os discursos de “democracia racial” que moldaram as formas de discussão pública sobre as relações raciais no Brasil do século XX.¹ Sua atenção aos modos pelos quais se articularam as disputas em torno do significado do “mito da democracia racial” no Brasil, suas ambiguidades, promessas e decepções, ecoa na pergunta central de seu novo livro, que se detém sobre o poder das “narrativas raciais” para enquadrar e moldar o mundo das relações sociais e os modos pelas quais o entendemos. Da “narrativa racial” da harmonia das raças no Brasil ao conto do desaparecimento dos afro-argentinos que coroa a trajetória de branqueamento da “nação mais

européia da América do Sul”, podemos dizer que a discussão de Paulina Alberto dissecar como as mentiras que contamos para nós mesmos acabam moldando o que somos.

Narrativas raciais talvez seja uma tradução desajeitada ou incompleta do “racial storytelling” presente no título do livro, pois distingue de modo insuficiente os dois tipos de histórias que envolveram a vida de Raúl Grigera: por um lado, os “contos”, frequentemente marcados pelo racismo vernacular, que foram tecidos e veiculados sobre ele durante a sua vida e após a sua morte, e, por outro, a grande narrativa ideológica que submergiu a personagem na história ampla do desaparecimento dos afro-argentinos, assim como dos povos originais, na constituição da nação. Esses dois horizontes narrativos constituem os eixos que ligam as várias partes do livro, que também recupera os esforços de Raúl Grigera em ser autor da sua própria vida. A força do livro de Paulina Alberto está em concentrar-se em dissecar essas narrativas, todas marcadas por um aspecto central: Raúl aparecia quase invariavelmente como um homem sem passado, e certamente sem futuro. O único papel possível

1 Paulina L. Alberto, *Termos de Inclusão. Intelectuais negros brasileiros no século XX*, Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

que se reconhecia para alguém como ele era o do personagem misterioso e excepcional, que ora era tomado como um representante exótico dos segredos que a cidade guardava, ora servia como objeto de riso e escárnio. Sempre alguém fora do lugar, destituído de história.

Em contraposição à máquina narrativa que submergia “el negro Raúl” no exotismo e na excepcionalidade, o livro de Paulina investe em devolver Raúl Grigera à densa e contraditória malha histórica da presença social, cultural e política dos afro-argentinos em Buenos Aires. Para isso, a autora recompõe os muitos fios que ligavam a trajetória desse homem real ao destino de um grupo social cuja presença, real ou imaginária, se tornou cada vez mais rarefeita em um contexto de construção nacional que foi marcado, desde cedo, por um investimento institucional e político radical na “branquitude”.

O primeiro capítulo do livro, “Ancentrais”, abre perguntando-se sobre “quando começa” a história do “Negro Raúl”. A busca por uma resposta inicia com a trajetória intergeracional dos antepassados de Raúl Grigera mais de um século antes.

Somos levados de volta a uma cidade que, durante os anos do vice-reinado do Prata, havia importado cerca de 70.000 escravizados, e que, na década da independência, tinha um terço da sua população constituída de africanos e seus descendentes. Nos territórios negros de Buenos Aires, *naciones*, danças e *candombes*, e outras formas organizativas e de expressão cultural demonstravam uma participação ativa dos afro-argentinos na vida política e civil da cidade. A partir de 1810, e em paralelo à ascensão de Juan Manuel Rosas a governador da Província e, eventualmente, líder da Confederação Argentina, crescem substancialmente a visibilidade e a importância política da população negra, cujo apoio Rosas cultivava ativamente para o horror de grande parte da elite *porteña*. Esta irá associar, de modo perene, a presença ostensiva dos afro-argentinos na vida da cidade ao *caudillo* que iria representar por muito tempo a imagem do ditador violento e voluntarioso, signo da “barbárie” que deveria ser extirpada da política argentina.

As transformações da Argentina nas turbulentas décadas que seguem a independência marcam fortemente a vida dos africanos e seus descendentes,

desde a *Ley de libertad de vientres* em 1813, até a abolição completa da escravidão entre 1853 e 1860. É nesse período que Paulina Alberto encontra os primeiros vestígios dos ancestrais de Grigera, também eles trazidos à força pelo tráfico atlântico para trabalhar na cidade. E é na cidade que Alberto encontra também seus esforços de se desvencilhar da escravidão e encontrar um lugar possível na nação em construção. Ali, duas gerações de mulheres – a bisavó e a avó de Raúl – conseguiram acesso a recursos valiosos que marcariam a sorte da família: negociaram suas alforrias condicionais com a viúva adoentada e sem filhos que era sua “proprietária” e, eventualmente, conseguiram que esta compensasse os cuidados prestados pelas suas ex-escravizadas com a doação da casa que viria a ser, nas décadas seguintes, o lar da família Grigera. A aquisição da propriedade – que vai distinguir Cayetana Warnes e seu marido, Domingo Grigera, avós de Raúl, de muitos libertos que não tiveram a mesma sorte – vai ser fundamental para pavimentar a mobilidade social de duas gerações dessa família, garantindo seu papel de destaque na comunidade afro-*porteña*.

Acompanhamos com Paulina Alberto o modo como a trajetória da família Grigera se entrelaça com a história da população afro-argentina, seus esforços de reconhecimento e acesso integral aos atributos da cidadania, navegando os processos opostos e complementares de invisibilização e de hipervisibilização dos quais eram objeto. Alberto examina os “caminhos retóricos” que, em um mesmo movimento, enfatizavam, por exemplo, a bravura e o protagonismo militar dos afro-argentinos na guerra de independência, e o seu sacrifício coletivo em nome da pátria (um dos “pilares das narrativas do desaparecimento afro-argentino”). Alberto se debruça sobre os modos pelos quais os intelectuais e outros representantes proeminentes da comunidade afro-argentina lidaram com esses caminhos contraditórios de reconhecimento e cidadania, tocando as estratégias de respeitabilidade e assimilação, por um lado, e a afirmação de sua diferença racial e reivindicação de suas próprias tradições e expressões culturais, por outro. Ecoando temas presentes em todas as sociedades de pós-emancipação nas Américas, Paulina Alberto discute com atenção as peculiaridades do caso

argentino, onde noções de “negritude” se transformaram ao longo do tempo, em um processo de racialização da pobreza e das diferenças sociais na cidade que acabaram por tocar mesmo aqueles setores da população que não tinham ascendência africana.

No segundo capítulo, “Comunidade”, Paulina Alberto acompanha a geração dos pais de Raúl e sua inserção tanto na comunidade negra quanto na sociedade *porteña* como um todo. Seu pai, Estanisláo Grigera, era um membro respeitado da “elite” negra da cidade que, além de pianista e compositor clássico, atuava como organista de igreja, aparecendo com frequência nas páginas da imprensa negra que floresceu brevemente no período. Estanisláo foi um dos responsáveis por tentar tornar o *candombe* uma atividade mais “refinada”, procurando tomar distância dos estereótipos de desordem pública e excesso que a sociedade “branca” consistentemente lhe atribuía. Olhando com atenção o arco da geração a que Estanisláo pertencia, Paulina Alberto mostra como os caminhos de inserção na sociedade argentina foram se estreitando paulatinamente nas duas últimas décadas do Oitocentos. Esse foi um

momento marcado pela onda avassaladora de imigração europeia que iria transformar permanentemente a demografia da cidade, quando as “políticas de pertencimento” oferecidas pelo projeto de branqueamento capitaneado pelo liberalismo conservador que dominava o país ameaçavam fazer desaparecer a categoria “negro” não apenas do censo, mas da própria consciência pública argentina. Alberto acompanha o lento esgotamento da estratégia de respeitabilidade que havia sido central para toda uma geração de homens e mulheres negros que haviam apostado, com sucesso limitado, na sua possibilidade de ascender a uma “argentinidade” desracializada.

Os três capítulos seguintes, “Juventude”, “Celebridade” e “Difamação”, tentam montar o quebra-cabeças da vida de Raúl depois que saiu da casa dos seus pais, combinando e contrastando os registros na imprensa e os traços, às vezes incertos, dos seus encontros com a lei e a ordem, e com instituições como o reformatório para menores no qual foi internado pelo próprio pai em 1906, um indício das diferenças irreconciliáveis que marcavam a sua relação com a geração anterior.

Identificando os desafios enfrentados pelo jovem Raúl ao navegar um novo panorama social e cultural embebido de racismo científico e eugenismo, por teorias que conectavam degeneração, criminalidade e doença mental em chave crescentemente racializada, Paulina Alberto reencontra-o na imprensa de Buenos Aires nos anos 1910, já como o personagem de sua própria criação. Com a imagem do “morcego”, o *dandy* misterioso, “criatura da noite”, como se apresentava, tornou-se uma celebridade da noite boêmia e do tango em Buenos Aires (uma cena, aliás, com um forte protagonismo da dança e da música afro-argentina). Nesse cenário, que apenas começava a ser inventado, Raúl exibia sua negritude exuberante, manipulando a seu modo a “fascinação herética” pela presença negra que, entre a atração e a transgressão, era cultivada por parte da elite branca da cidade.

É com notável sutileza e minuciosa pesquisa arquivística que Paulina Alberto acompanha como, entre a década do centenário da independência argentina, em 1910, e os anos 1950, o personagem criado por Raúl foi paulatinamente tirado de suas mãos e apropriado por uma

série de atores sociais que o reinventaram como um caricato acessório dos “contos raciais” argentinos das primeiras décadas do século. A autora dissecou com cuidado o processo pelo qual o personagem ousado e não-conformista do “negro Raúl” vai cedendo espaço ao bufão ridículo, o “fantoche quebrado” que funcionava como um boneco de ventríloquo por meio do qual se expressavam narrativas de exotismo, decadência e melancólico desaparecimento. Nessas narrativas, Raúl é apresentado ora como uma espécie de brinquedo sem inteligência ou vontade própria, que era manipulado com sadismo e condescendência pelos jovens da elite local com quem eventualmente socializava, ora como um aproveitador cínico que tirava vantagens dos *niños bien* para conseguir suas roupas de segunda mão e ter acesso aos lugares badalados (nem sempre de boa reputação) da noite de Buenos Aires. Em um lento processo de declínio e desaparecimento, Raúl se converte em uma sombra incômoda e fora do lugar, um resíduo destituído de uma história pessoal para além daquela imaginada pelos contos melancólicos de decadência, loucura e miséria que

pontificavam, como fábulas moralizantes, sobre o destino inevitável de um homem cuja excentricidade e isolamento faziam dele o derradeiro índice tristonho de uma raça quase (mas nunca completamente) extinta.

O descolamento entre a trajetória de Raúl Grigera – o homem de carne e osso – e as histórias contadas sobre ele é mais uma vez um dos eixos principais do último capítulo do livro, “Mortes”, que examina os anos derradeiros de Raúl, desde o seu “desaparecimento” da cena pública no início dos anos 1930 até seu falecimento de fato (em oposição às muitas “mortes” decretadas nos jornais) em uma instituição psiquiátrica em 1955. Em fotografias, registros policiais e fichas médicas, Paulina Alberto recupera pistas sobre as últimas décadas da vida de Raúl, marcadas pela pobreza, a doença e o alcoolismo, bem como por problemas com a polícia. Em contraste com as narrativas difamatórias que, desde os anos 1930, circulavam pela imprensa e pela cultura popular e que insistiam no caráter excepcional da tragédia de Grigera, Alberto devolve as dificuldades enfrentadas por ele ao contexto das transformações e crises da sociedade argentina no período, marcado

pela recessão econômica, golpes militares, escalada da violência policial, e um racismo revigorado. A historiadora também discute como narrativas persistentes sobre os modos pelos quais se articulavam classe, cidadania e negritude na Argentina moldaram as interações que fotógrafos, jornalistas, policiais, médicos e psicólogos tiveram com Raúl nas últimas décadas de sua vida, impactando não apenas os registros produzidos sobre ele, mas sua própria existência.

Reconsiderando os documentos fragmentados e indiretos que sobreviveram, bem como seus silêncios, Paulina Alberto arrisca ler indícios de outras histórias que poderiam ser contadas sobre essa trajetória singular. Confrontando as várias narrativas póstumas sobre Raúl (algumas tecidas enquanto ele ainda vivia), Paulina reflete sobre os significados não declarados que sua história poderia ter tido para ele mesmo, soterrados sob o peso dos “contos raciais” cacofônicos e autorreferenciados que pesaram sobre a sua vida e sobre o modo pelo qual foi lembrada muito depois de sua morte.

Na conclusão ao livro, a historiadora encontra os dias atuais, e o processo pelo qual a “lenda negra”

de Raúl é revisitada pela comunidade afro-argentina no contexto de uma crítica mais ampla ao legado da exclusão, brutalização e mesmo extermínio às quais foram submetidas as populações não brancas ao longo da história do país. Paulina Alberto não se exime em discutir o que vê como as contradições desse novo capítulo da vida póstuma de Raúl, que acaba às vezes, e paradoxalmente, por manter elementos da fábula anterior, reafirmando o papel de Grigera como uma mera vítima impotente e desumanizada desses processos. À sombra da imagem política dos “desaparecidos” (o termo associado às vítimas da violência de Estado sob a última ditadura militar argentina), Alberto sugere que a persistência da imagem do “desaparecimento” de Raúl representando o apagamento coletivo da população afro-argentina se arrisca a assumir nova forma, transformando-se numa espécie de mito de origem da exploração e vitimização sobre as quais se construiu a pátria “branca”. A despeito dos seus importantes efeitos políticos e suas boas intenções, a crítica acaba, segundo a autora, por confirmar o centro da narrativa nacional que se

quer derrubar: aquele que se revolve em torno do desaparecimento real (e não discursivo) da população africana e indígena.

Em diálogo com o esforço de construção de outras narrativas de nação, Paulina Alberto afirma o lugar do seu livro no contexto dessa “transição incompleta” que pretende superar o “paradigma da branquitude homogênea” em direção a uma ideia de nação multicultural na Argentina: “Temos a chance de contar novas histórias. Essa é a razão para visitar a vida de Raúl Grigera – aquilo que dela se pode saber, e aquilo que não se pode saber, aquilo que é atraente e o que é desconcertante, o notável e o lugar-comum. Para transformar de modo efetivo as narrativas raciais, na Argentina ou em qualquer país assombrado pelos legados da escravidão racial e do colonialismo, essa nova história precisa fazer duas coisas ao mesmo tempo. Precisa demonstrar, por meio do seu enredo e seus protagonistas, o poder insidioso das narrativas raciais para fazer e desfazer vidas. Mas não pode se deter na exposição da violência, das distorções e apagamentos das narrativas-mestras. Ela

precisa colocar novas histórias no seu lugar” (p. 357).

Black Legend apresenta um fascinante esforço para responder a esse desafio. Aliando escrita elegante e pesquisa meticulosa, o livro destaca-se também pela sua capacidade de aliar com inteligência duas perspectivas de análise cujo encontro nem sempre acontece com tanto sucesso. Combinando a análise textual e narrativa, por um lado, e uma história social preocupada com a experiência de indivíduos e grupos sociais, por outro, o livro enfrenta a tensão entre a dimensão estrutural e a agência humana, colocando o racismo e os processos de racialização em seu centro. Ao tratar da dupla dimensão – narrativa e documental – dos registros históricos sobre a vida de Grigera, Paulina Alberto não apenas discute o caráter fabulatório e ideológico dos discursos produzidos sobre Raúl, mas também sublinha sua dimensão construtiva: são operações narrativas que produzem realidades que têm o poder de formatar e constranger, fazer e desfazer, as experiências de indivíduos e coletividades: *make race* e *unmake lives*. Mas o universo social e simbólico onde os “contos raciais”

encontram seu lugar é mostrado no livro, ao mesmo tempo, como um campo de conflitos, cujos resultados podem ser disputados pelos próprios atores sociais. Isso foi verdade para Raúl Grigera – em seu esforço, por vezes frustrado, de ser autor de sua própria história – e continua a ser verdade hoje, para aqueles e aquelas empenhados em colocar em causa o modo como a história argentina (e não apenas ela) é contada, de modo a escapar das fábulas raciais que apenas confirmam a sua “branquitude” e “excepcionalidade” no continente sul-americano.

Para o leitor brasileiro, tão pouco familiarizado com a historiografia argentina e latino-americana geral, este é um livro importante. Ele fornece uma visão ampla da história da Argentina dos últimos dois séculos sob o prisma das relações raciais, ao mesmo tempo que chama a atenção para um campo de pesquisa que, naquele país, apesar dos mais de quarenta anos que nos separam do trabalho pioneiro de George Reid Andrews sobre o tema, apenas começou a florescer nos últimos anos, liderado por uma nova geração historiográfica que vem crescentemente se interessando pela

história dos africanos e seus descendentes no Rio da Prata.²

Por fim, mas não menos importante, o livro também é inspirador no seu uso de ferramentas de análise valiosas para pensar o poder das narrativas e os discursos racializados em sua relação com a história social das sociedades pós-emancipação. Com isso, o livro de Paulina Alberto oferece também material abundante e sugges-

tivo para os estudos comparativos com outras sociedades impactadas pelo passado escravista e seus legados.

Uma tradução em espanhol de *Black Legend* acaba de sair na Argentina.³ Torcemos para que ganhe também uma edição em português no futuro próximo. Seria uma adição valiosa à crescente e importante bibliografia sobre a experiência negra nas Américas disponível em nosso idioma.

Henrique Espada Lima  

Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: 10.9771/aa.v0i69.63361

2 George R. Andrews, *The Afro-Argentiniens in Buenos Aires, 1800-1900*, Madison, University of Wisconsin Press, 1980. Entre os trabalhos mais recentes e relevantes sobre africanos e seus descendentes na Argentina e no Rio da Prata, vale destacar: Alex Borucki, Karla Chagas e Natalia Stalla, *Esclavitud y Trabajo. Un estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya (1835-1855)*, Montevideo: Pulmón Ediciones, 2004; Lea Geler, *Andares Negros, Caminos Blancos. Afroporteños, Estado y Nación Argentina a fines del siglo XIX*, Rosario: Prohistoria, 2010. Maria Verónica Secreto, *Negros em Buenos Aires*, Rio de Janeiro: Mauad X, 2013; Florencia Guzmán, Lea Geler y

Alejandro Frigerio (eds). *Cartografías afrolatinoamericanas II: perspectivas situadas desde la Argentina*, Buenos Aires: Biblos, 2016; Alex Borucki, *De Compañeros de Barco a Camaradas de Armas. Identidades negras em el Río de la Plata, 1760-1860*, Buenos Aires: Prometeo Libros, 2017; Magdalena Candioti, *Una historia de la emancipación negra. Esclavitud y abolición en la Argentina*, Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

3 Paulina L. Alberto, *Leyenda Negra. Las múltiples vidas de Raúl Grigera o el poder de los relatos raciales em Argentina* (tradução de Florencia Grieco), Buenos Aires: Prometeo Libros, 2024.